

# CARTAS DE JORGE DE SENA

## À “PRESENÇA”

### SOBRE O POEMA “APOSTILHA”

### DE FERNANDO PESSOA

Um dos primeiros escritos de Jorge de Sena em letra impressa veio a público há quarenta anos, justamente no número com que a *presença* cessou definitivamente a sua edição, em Fevereiro de 1940. Aí se reproduziu parcialmente uma carta que, endereçada a Adolfo Casais Monteiro, Sena mandara ao colectivo da revista. Essa carta seria mais tarde classificada pelo seu subscritor como “o real início do meu contacto pessoal com os papas literários da época”, e fora motivada pela publicação em número anterior da *presença* de dois poemas de Álvaro de Campos tido por inéditos. Mais concretamente, Jorge de Sena esclarecia, que um dos citados poemas (“Apostilha”) aparecera mais de dez anos antes nas páginas do *Notícias Ilustrado*, ainda que com algumas diferenças relativamente à versão estampada na *presença*.

Ao longo da carta transcrita, Jorge de Sena tecia algumas considerações sobre essas diferenças, nomeadamente:

“No meu recorte há reticências em *carambola difícil* e a *imagem da vida* o que é interessante pela modificação que traz à expressão vocal e à impressão mental daquela porção de poema; não há espaço entre o verso que começa *Não ter um acto ...* e o seguinte; mais adiante eu tenho — *Passageira que viajavas, etc., v e não r* mais conforme o *v* com o ritmo temporal do pensamento geral, que vem de antes, e o desenvolve aí, mais conforme o *r* (e aqui talvez a origem da modificação) com a opinião de Pessoa acerca do português de A. de Campos —... escrevia razoavelmente mas com lapsos... (não que isto seja propriamente um lapso dentro e ao lado dos exemplos que ele cita, mas uma discórdância propositada). Quase sete anos medeiam entre a *Apostilha* e a carta que Pessoa escreveu ao Dr. Casais Monteiro. É provável que a emenda, como outras seguintes, seja do tempo do poema e então já Pessoa tinha, pelo menos implícita (e digo implícita porque ele mesmo falando deles o podia fazer só por os “conhecer”), a consciência dos estilos dos heterónimos evidenciada sete anos mais tarde. Ou então a emenda é posterior à carta e foi

motivada pelas ideias nesta expressas. E quem sabe se, cedendo a elas, Pessoa não fez modificações paralelas em outros poemas? Do Álvaro de Campos bem entendido. Generalizando agora ao Alberto Caeiro, ou melhor, querendo generalizar, não vejo aplicação desta hipótese de consciência difusa em épocas diferentes porque o Alberto Caeiro não escrevia “razoavelmente” — escrevia mal. E por aplicação: parecerá à primeira vista pouco crível uma percepção difusa numa pessoa tão lúcida como ele. Mas ele não tinha a necessidade de ser lúcido nessa percepção, essa percepção não vinha lúcida porque não precisara de a pôr em palavras claras para responder a uma pergunta. E os apontamentos que publicou sobre Caeiro ou outros, como obra de arte sua que eram, dirigiam-se mais a ele mesmo e por dois caminhos — a necessidade de escrever e o gosto de brincar com as realidades criadas, brincar contemplativamente, de realizar aqueles versos de Sá-Carneiro:

“Gostava tanto de mexer, na vida,  
de ser quem sou — mas de poder tocar-lhe...”

E talvez esta realização, tornada rumo necessário ao seu espírito, ande na razão de nascer dos seus heterónimos.

Continuando na inspecção do poema aparece-me no recorte “titilada por brisas” (o que é de facto menos próprio da maneira de Pessoa singularizar os agentes activos, e que a *brisa* da reprodução de *presença*); aparece ainda uma vírgula entre *estrada* e *involuntária*, a tornar *involuntária* e *sozinha* a poeira da estrada — tal como está “estrada involuntária” é um exemplo de adjectivação poética da categoria daquela precisão de que o Dr. Casais Monteiro caracterizou na sua análise da carta de Pessoa que eu citei.

E até aqui todas estas notações podem cair pela base, ou oscilar, pelo menos objectivamente, se se admitir a hipótese de erros de revisão (não na *presença* mas no outro). Mas o que me dá uma certeza de isso não ser por completo assim é o final do poema:

No meu recorte há mais um verso entre os dois últimos “E oscila” e “E cai...” um dos quais também é diferente:

E oscila no mesmo movimento, que o da terra,  
E estremece no mesmo movimento que o da alma  
E cai, como.....

Curioso reparar em como F. Pessoa desfez os dois versos, aliás belos, para fazer um só de menos significado rítmico em relação ao final (significado quantitativo) conquanto de maior possibilidade de sentido.”

Esta primeira carta foi publicada pela *presença* sob o título “A propósito dos poemas inéditos de Álvaro de Campos saídos no último número da *presença*, uma carta de que a seguir publicamos, pelo seu interesse, a parte mais importante”, e não continha qualquer comentário. O próprio Jorge de Sena referiria, num estudo de 1977 publicado na revista *Persona* n.º 2, que “ao publicarem da carta do presente autor a parte que ao poema e ao mais se referia, os directores da *presença* acentuavam o interesse dela, mas não comentavam das variantes apontadas (não havia aliás comentário algum)”. Talvez por esta razão, e também para acrescentar uma outra observação que lhe escapara, Jorge de Sena viria a endereçar a Adolfo Casais Monteiro uma nova carta ainda a propósito da “Apostilha”, carta que se conserva inédita e que *Sema* hoje apresenta, por gentileza de D.<sup>a</sup> Mécia de Sena, viúva do escritor, e de Edições 70, que a publicarão em breve na obra *Fernando Pessoa & C.<sup>a</sup> Heterónima*, na qual serão reunidos os vários estudos que Jorge de Sena dedicou ao poeta da *Mensagem*, de 1940 a 1978.

Esta nova carta, pelo que à *presença* diz respeito, ficou impubliada pela natural razão de que a revista deixou de se editar, e convirá acrescentar um breve esclarecimento para melhor se entender o seu segundo parágrafo. Esse esclarecimento, retirámo-lo das anotações feitas por Arnaldo Saraiva no citado *Fernando Pessoa & C.<sup>a</sup> Heterónima*:

“Um dos P.S. [da primeira carta], que a *presença* não publicou, não dizia respeito a Pessoa, mas nem por isso deixa de ter interesse para nós. Nele manifestava Jorge de Sena o seu empenho em mostrar a Casais Monteiro alguns dos seus poemas. Casais ter-se-á disposto — como o revela uma carta de 12/2/1940 — a um encontro com Jorge de Sena, num café de Lisboa — o café Chave de Ouro, ao Rossio — onde ficaria surpreendido com a não suspeitada juventude, e com a inteligência, do seu correspondente. Esse encontro seria decisivo para ambos — que ficariam amigos para o resto da vida, e que, em Lisboa, no Brasil (sobretudo em Araraquara) e até brevemente nos Estados Unidos (Wisconsin) manteriam um convívio estreito, estimulando-se e criticando-se mutuamente, e fazendo inclusive alguns projectos comuns, como o da tradução dos *Poemas Ingleses* de Pessoa — o Pessoa que os reuniu, e de que foram notáveis especialistas e divulgadores”.

Por último, àqueles a quem cause estranheza o *Teles de Abreu* subscritor da carta — para mais quando os pós-escritos estão assinados por Jorge de Sena —, explicamos que se trata de um pseudónimo que Sena utilizou nos seus primeiros trabalhos, sendo o *Teles* e o *Abreu* colhidos em apelidos de sua família.

## A CARTA INÉDITA DE JORGE DE SENA À «PRESENÇA»

Lisboa, 6 de Abril de 1940

Exm<sup>o</sup> Sr. Dr. [Adolfo Casais Monteiro]

Desculpe-me o escrever-lhe mas eu pensei o seguinte: a *presença* é capaz de sair em Maio, durante Abril ultimar-se-á a paginação, que para mais é feita pelo Dr. José Régio fora de Lisboa, e depois é impossível tempo e espaço para mim.

Ora o Dr. deve lembrar-se que eu lhe disse, e mostrei, que me escapara na minha carta (cuja publicação agradeço mais uma vez) o referir-me a um ex-verso de *Apostilha* e se não se lembra, talvez já tenha notado isso mesmo. Respondeu-me o Dr. que eu poderia emendar essa passagem nas provas.

A carta saíu agora, sem eu ter visto provas, o que é justo uma vez tratar-se de uma carta. Por isso eu pedia ao Dr. que me permitissem a publicação, no *Correio* ou onde acharem conveniente, de uma pequena nota que pode ser a seguinte:

Como não me foi dado ver provas minhas o que é inteiramente justo por se tratar de uma carta — não houve ocasião de intercalar mais uma observação que tinha escapado ao serem escritas as outras.

Para que as pessoas, que compararam as duas *Apostilhas*, não julguem a minha carta tão escrita no ar como afinal parece que foi, desejaria comunicar que só por uma solução de continuidade me não referi a mais uma supressão (que é mais um argumento final em abono da parte objectiva do meu ponto de vista) a supressão total, de um dos últimos versos: “o regato casual das chuvas que vão acabando”. Talvez F. Pessoa pensasse que há um retorno relativo para a entidade regato e que esse retorno não estaria de acordo com a casualidade exacta das imagens paralelas; talvez também por não querer vincar o final do poema com três comparações distintas que podiam, perigosamente, associar-se à ideia de “estrada” (ideia-imagem) e dar-lhe um valor de sugestão primária que, de maneira alguma lhe correspondia.

Pedindo desculpa desta reincidência crítica e agora a virtual publicação sou com toda a consideração e estima

Teles de Abreu

Aceite o Dr. Casais Monteiro os protestos de admiração e estima do

Jorge de Sena

P.S. Eu pedia ainda ao Dr. Casais Monteiro, o favor de verificar, no recorte que está em seu poder, se o verso em causa é de facto tal como se me fixou ao escrevê-lo.

De novo att. e Ob.

Jorge de Sena